

2017



BOLETIM DE PETRÓLEO

Bruno Luís Lacerda
Naiara Carvalho
Gerência de Operações e Planejamento
Novembro - 2017



1 - Cenário Econômico

Apesar da aparente amenização entre as tensões geopolíticas envolvendo os EUA e a Coreia do Norte, o mercado global continua cauteloso quanto ao regime de Kim Jong-un. Outro fator que estava gerando inquietação em meio aos investidores era a escolha do novo presidente do FED, nos EUA. O cargo ficou com Jerome Powell (seu mandato entra em vigor em fevereiro de 2018), que possui uma postura mais “dovish”, cuja tendência é de dar continuidade ao aumento lento e gradual dos juros norte-americanos.

No tocante aos dados macroeconômicos dos EUA, o mercado de trabalho apresenta números comumente associados a uma economia estável. Segundo o Departamento de Trabalho dos EUA, o índice de desemprego do país em outubro recuou 0,1% na comparação com o mês passado, alcançando uma taxa de 4,1%, reiterando a avaliação de que o país encontra-se em níveis próximos ao pleno emprego. Quanto à solicitação de seguro desemprego, houve uma redução em torno de mil requisições referente à semana encerrada em 24 de novembro, que registrou 238 mil pedidos do benefício. Já a criação de postos de trabalho no mês citado decepcionou o mercado, ao passo que eram esperadas 303 mil vagas quando na verdade foram obtidas 252 mil. Tal fato foi influenciado pelo recuo do PMI: o indicador registrou no mês em análise 58,7 pontos frente aos 60,8 no mês anterior.

Na Europa, os atentados terroristas ocorridos em diversos países da região continuam gerando receio na economia europeia. No cenário político têm-se as incertezas quanto a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit), sobretudo, quanto aos direitos dos procedentes de outros países da UE que vivem no Reino Unido, bem como os dos britânicos residentes em outros países do bloco. No campo econômico, apesar do Banco Central Europeu optar pela redução da compra de ativos, diminuindo os estímulos à economia, a taxa de juros oficial foi deixada inalterada em 0,00% (menor patamar histórico), a fim de convergir à inflação da região à meta estipulada pelas autoridades de 2%.

Quanto aos dados econômicos europeus, a visão dos analistas é positiva. A taxa de desemprego de outubro caiu 0,1% na comparação com o mês anterior, alcançando o valor de 8,8%. A inflação dos dezenove países que compartilham o Euro também obteve recuo na ordem de 0,1%, na confrontação de outubro com setembro, registrando o valor de 1,4%. Quanto à indústria, o PMI da Zona do Euro apontou avanço em 0,4 pontos no mesmo período em questão, totalizando 58,5 pontos, o que configura expansão da atividade industrial.

No que tange aos dados macroeconômicos da China, pode-se ressaltar que a segunda maior economia mundial apresentou uma retração, maior do que o previsto pelo mercado, em outubro quanto ao seu PMI, registrando 51,6 pontos no mês observado ante 52,4 em setembro. Assim,

apesar de tal decréscimo, o setor industrial chinês ainda apresenta crescimento, uma vez que tal índice permanece acima de 50 pontos, ou seja, dentro da zona expansão da atividade industrial. Vale ressaltar ainda, que a balança comercial chinesa obteve ganhos no mês de outubro em relação a setembro. Contudo, tal número foi abaixo das estimativas do mercado que aguardavam um superávit em torno de 39,5 bilhões de Dólares, quando na verdade o indicador ficou em 38,2 bilhões de Dólares.

Sob o ponto de vista doméstico, continua presente no mês de outubro a baixa inflação dos indicadores mensais de preços: O IPCA, o IGP-DI e o INPC, que apresentaram, respectivamente, modestos avanços de 0,42% e 0,01% e 0,37%. Assim, tais fatos corroboram com a expectativa do mercado de continuidade nos cortes da taxa de juros Selic, pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom). Além disso, a amenização das instabilidades na seara política, vem elevando a probabilidade de aprovação de reformas que objetivam a recuperação fiscal no país.

Dessa forma, apesar dos fatores internacionais citados, a economia nacional continua sendo mais influenciada via fatores internos. A queda no risco doméstico, tendo em vista o declínio da inflação, aliado com as possíveis aprovações de mais reformas fiscais possibilitam uma retomada da atividade econômica e da trajetória de desenvolvimento da economia brasileira.

2 - Preços

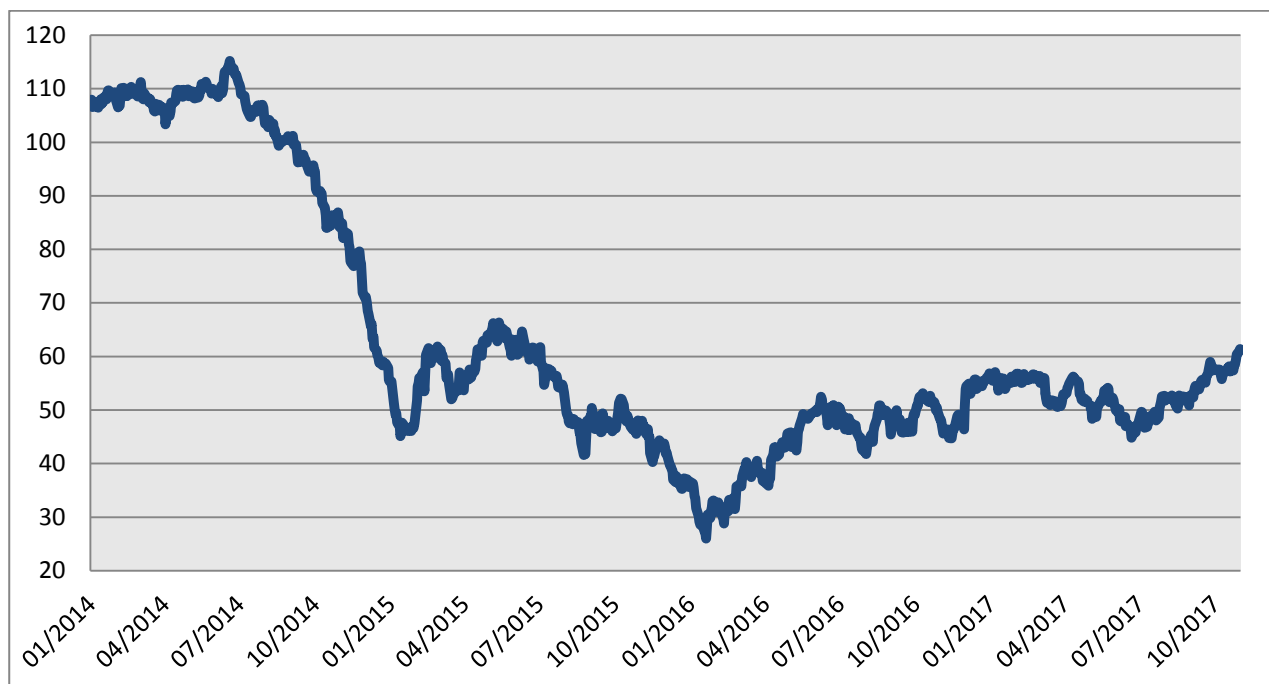
Os preços do petróleo registraram no mês de outubro de 2017 um valor mínimo de US\$ 55,79, máximo de US\$ 61,37 e média de US\$ 58,06, representando um acréscimo de 4,6% em relação ao mês de setembro. A expectativa da Agência Internacional de Energia (EIA) é que o preço do barril de petróleo feche em US\$ 53,00 para 2017 e US\$ 56,00 para 2018. Em comparação ao relatório anterior, houve aumento de US\$ 1,00 na expectativa do preço para o final deste ano e de US\$ 2,00 para o encerramento de 2018.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto recuou em torno de 3,4 milhões de barris na semana encerrada em 24 de novembro. Tal número foi acima da expectativa do mercado, cuja previsão era de queda em torno de 2,3 milhões barris, no período observado.

O gráfico 1, mostra a queda intensa no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de janeiro de 2016 o preço chegou ao valor mínimo de US\$ 26,01, e apesar das fortes oscilações a partir de então, demonstra uma tendência gradual de melhora. Já o gráfico 2, evidencia o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, exibindo uma negatividade de 0,9 entre fevereiro de 2014 e outubro de 2017, podendo ser considerada uma correlação muito forte.

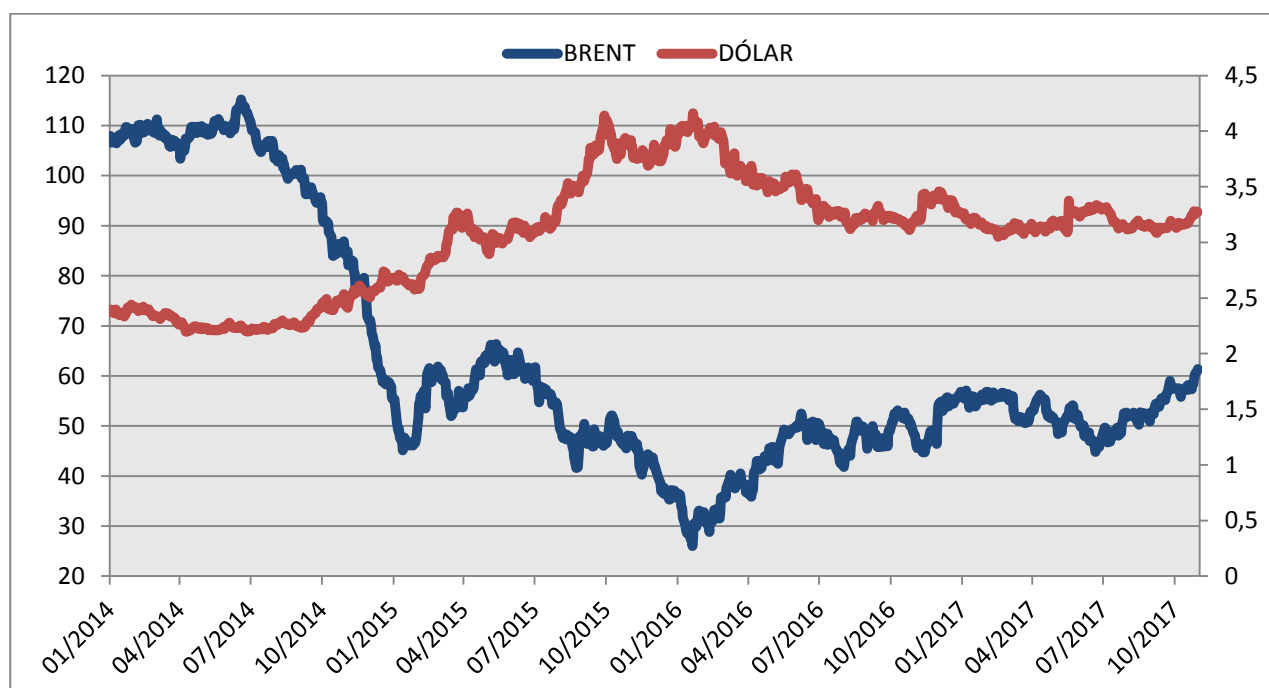
De acordo com o Boletim Focus, de 24 de novembro de 2017, a expectativa para este ano é que o câmbio encerre cotado em R\$ 3,25. A média do câmbio no mês de outubro ficou em R\$ 3,20. Assim, o Banco Central estima uma desvalorização do Real ante ao Dólar, fato este que pode ser ainda associado a fatores internos, tal como as incertezas ligadas ao cenário político-econômico, onde os investidores tendem a diminuir seu apetite ao risco, buscando assim divisas mais seguras, como o Dólar.

Gráfico 1: Preço do Brent



Fonte: ICE/ GOP

Gráfico 2: Brent X Dólar



3 - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2017 deve crescer 1,53 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2016. Tal expectativa obteve acréscimo de 0,11 mb/d em relação ao relatório do mês anterior. A estimativa da EIA, está em conformidade com a da OPEP: haverá um crescimento da demanda por petróleo neste ano, contudo esta presume um aumento de 1,35 (mb/d) ante ao ano anterior (houve um recuo de 0,04 mb/d em relação ao relatório passado). Assim, ambas as agências estão de acordo quanto à expansão da demanda em 2017, fato este que tende a dar maior equilíbrio ao mercado, compensando o excesso de oferta global de petróleo, recuperando assim seu preço.

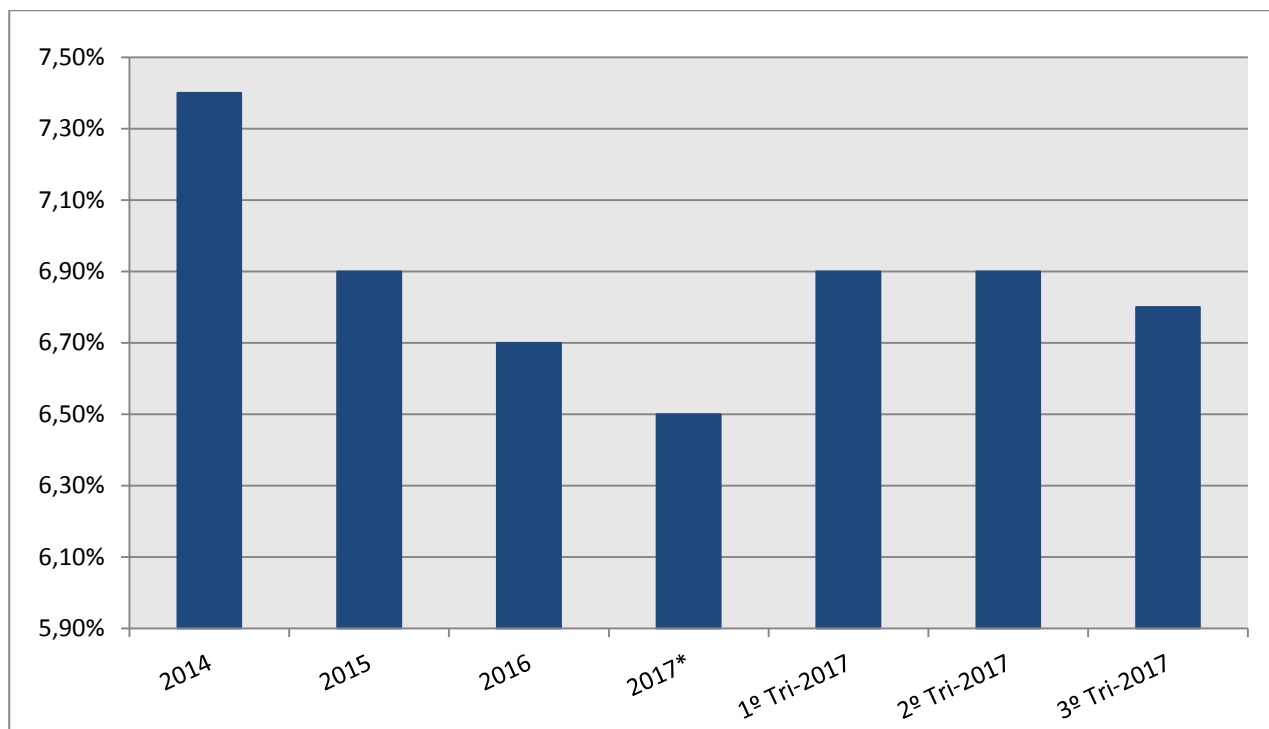
A OPEP e a EIA entram também em conformidade, no que concerne aos países que impulsionarão tal avanço. As duas instituições salientam que a região da Ásia tende a ter um papel fundamental pela procura de petróleo, pois grande parte desse crescimento será consumida pela Índia e China. Contudo, analisando individualmente cada país o maior demandante é os EUA, pois ele somente consome cerca de 20% do petróleo mundial.

A China é a segunda potência econômica mundial, sendo a maior exportadora de bens para o resto do mundo. Apesar da desaceleração, vista no gráfico 3, o crescimento chinês ainda é forte se comparado a maioria dos países. Sendo assim, seu consumo por petróleo se mantém crescente.

A Índia vem vivenciando nos últimos anos um período de expansão em sua economia, sendo necessário um maior consumo da *commodity*. Conforme exposto no gráfico 4, o PIB do país vem demonstrando um crescimento na faixa de 6% a.a., que apesar de apresentar também uma desaceleração em relação ao ano anterior, seu crescimento continua sendo vultoso.

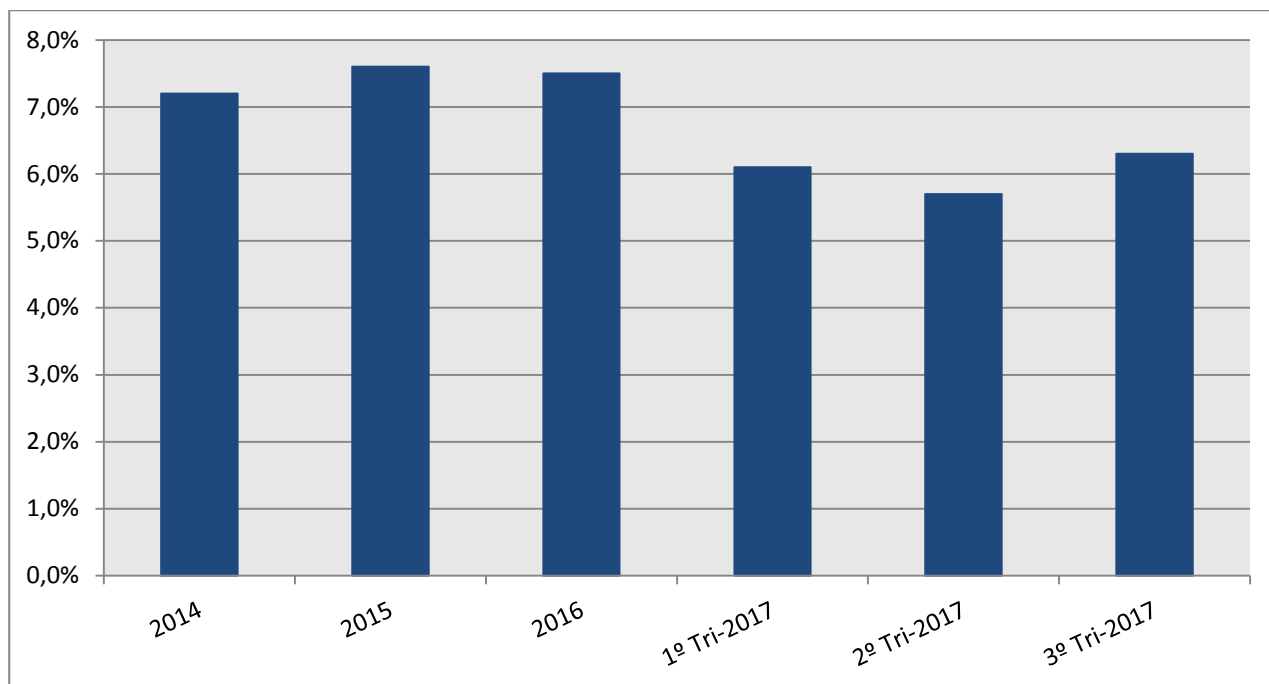
Assim, conclui-se que a demanda mundial será consumida, pela Ásia, sobretudo, Índia e China, e pelos EUA. Cabe destacar ainda que, juntamente, os três países consomem cerca de 38% da demanda mundial de petróleo, ou seja qualquer choque na economia destas nações tende a impactar fortemente a demanda mundial.

Gráfico 3: PIB - China



Fonte: Broadcast

Gráfico 4: PIB - Índia



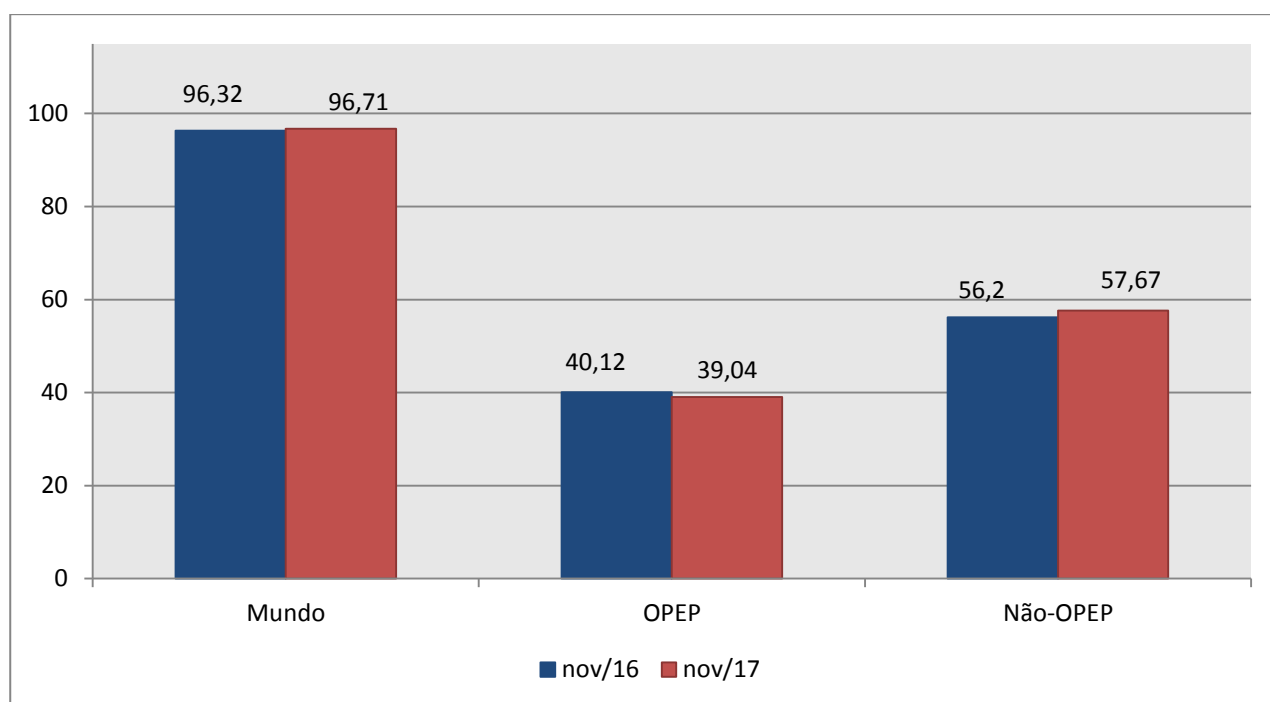
Fonte: Broadcast

4 – Oferta

4.1- Estimativa Relatório OPEP

Segundo a OPEP, a oferta mundial de petróleo em 2017 dar-se-á em cerca de 96,7 milhões de barris ao dia (Mb/d), valor este a maior em 0,3 Mb/d na comparação com o estimado em novembro de 2016. Os países integrantes de seu bloco produzirão 39,04 Mb/d, caracterizando uma redução de 1,08 Mb/d em relação ao relatório de novembro do ano passado. Já os países não pertencentes ao cartel terão uma participação de 57,67 Mb/d, configurando um acréscimo de 1,47 Mb/d, na comparação de igual período de 2016. Tais afirmações podem ser vistas conforme o gráfico 5.

Gráfico 5: Estimativa Relatório OPEP



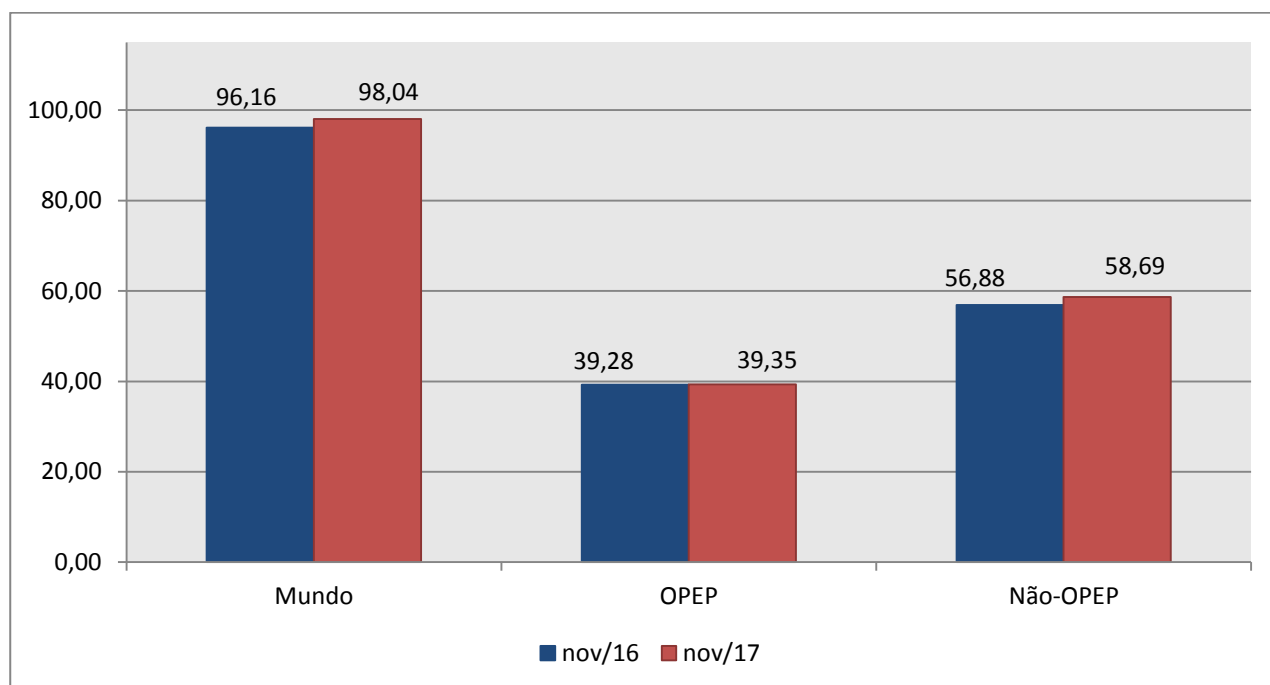
Fonte: OPEP/EIA

4.2- Estimativa Relatório EIA

De acordo com a EIA a produção global de petróleo encerrará o ano de 2017 em 98,04 Mb/d, número este superior em 1,88 Mb/d na comparação com o previsto em novembro de 2016. Os países que compõem a OPEP contribuirão com 39,35 Mb/d do montante total, resultando um avanço de 0,07 Mb/d ante ao previsto no relatório de novembro do ano passado. Já os países não

integrantes do bloco ofertarão 58,69 Mb/d, representando uma alta de 1,81 Mb/d na comparação de igual período de 2016. Tais afirmações podem ser vistas conforme o gráfico 6.

Gráfico 6: Estimativa EIA



Fonte: OPEP/EIA

4.3- OPEP x EIA

Assim, fazendo um comparativo entre as perspectivas da OPEP e da EIA em relação à oferta para o encerramento do ano, pode-se dizer que:

- 1- Ambas as agências preveem que ocorrerá crescimento da oferta global neste ano, na comparação com o relatório de novembro de 2016;
- 2- A OPEP estima recuo da oferta dos países que estão vinculados ao cartel, já a EIA prevê aumento;
- 3- A OPEP presume avanço na oferta dos países não integrantes de seu bloco, bem como a estimativa da EIA.

Logo, tendo em vista o exposto acerca das projeções da demanda e oferta para o término de 2017, pode-se concluir que a OPEP e a EIA acreditam que haverá um crescimento tanto da demanda quanto da oferta global. Na concepção da OPEP haverá um crescimento maior da demanda ante a oferta, porém a EIA diverge de tal percepção, prevendo um avanço maior da oferta frente à demanda.

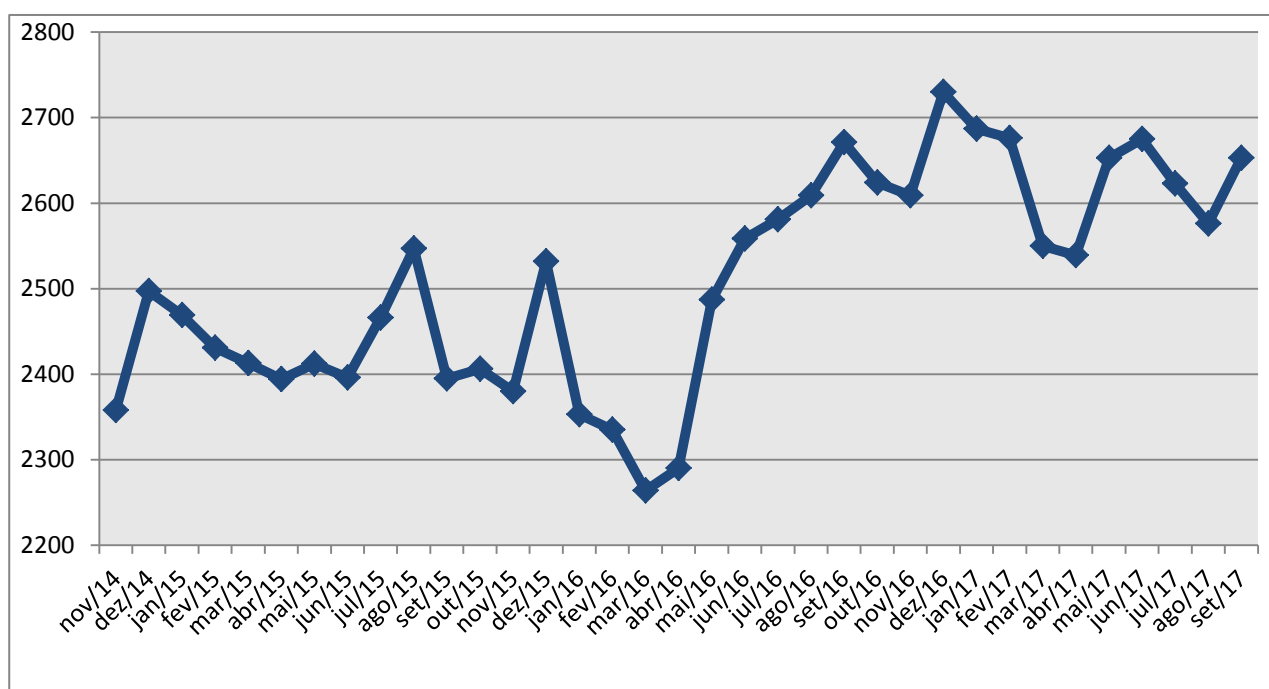
5 – Brasil

5.1- Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo do país no mês de setembro ocorreu em 8.115 poços, sendo 725 marítimos e 7.390 terrestres. Houve um recuo de 68 poços em atividade na comparação ao mês anterior. Os poços marítimos, mesmo apresentando um número quantitativamente inferior aos de origem terrestre, produziram em torno de 95% de petróleo do país, no mês em questão.

Segundo a ANP, a produção nacional em setembro registrou 2.653 milhões de barris de petróleo ao dia (Mb/d), configurando um avanço de 3% em relação ao mês de agosto. Tal afirmação pode ser observada na série histórica do gráfico 7.

Gráfico 7: Histórico de produção de petróleo



sal registrou no mês em análise 1.302 Mb/d, o que equivale aproximadamente 49% da produção nacional. Este número reflete uma queda de 0,2% comparada ao mês de agosto.

Desse modo, conforme verificado no gráfico 8 pode-se perceber que a curva relacionada à produção do pós-sal apresenta viés de queda, movimento este influenciado, em especial, pelo grau de maturidade atingido por seus campos. Já a curva relacionada ao pré-sal, vem registrando crescimento ao longo do ano, ultrapassando, no mês de setembro, a produção originária do pós-sal.

Gráfico 8: Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal

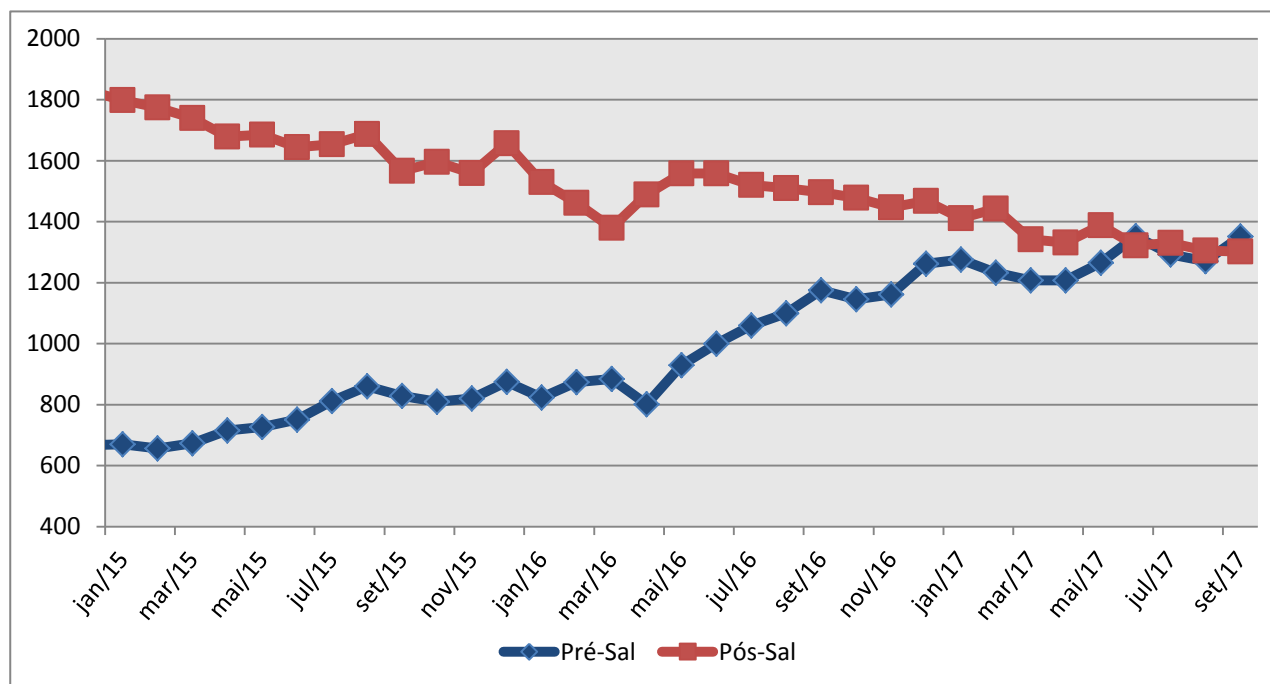
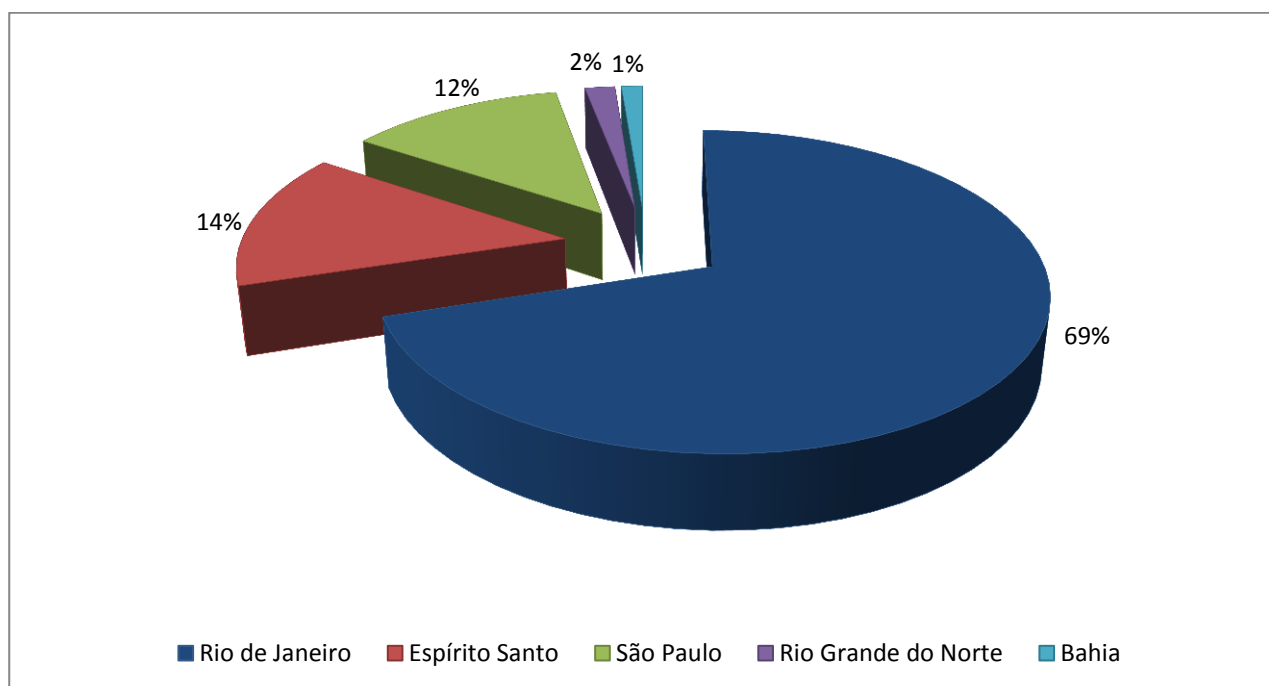


Gráfico 9: Estados produtores



Fonte: ANP/GOP

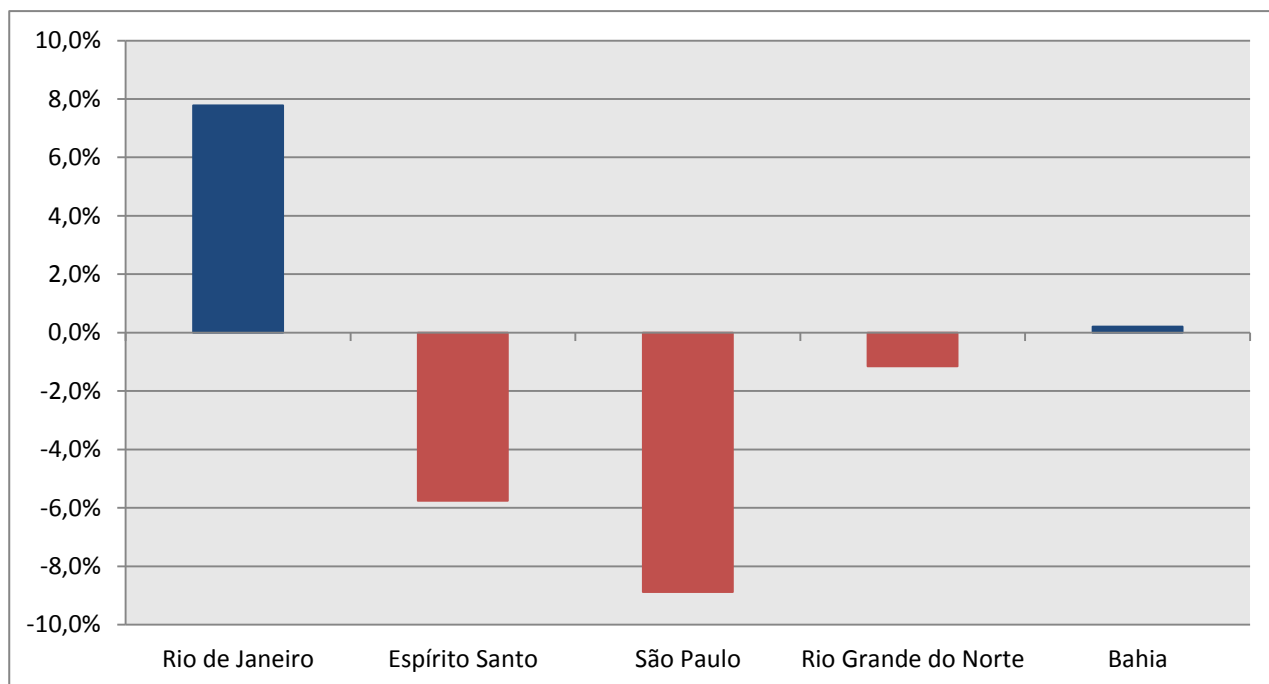
Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PRODUÇÃO	Nº CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.822.924	43
Espírito Santo	370.665	47
São Paulo	328.469	6
Rio Grande do Norte	45.957	77
Bahia	32.351	83

Fonte: ANP/GOP

Em relação à produção, referente ao mês de setembro, dos estados mencionados pode-se verificar que o estado do RJ apresenta um avanço quanto a sua produção. Como este detém grande parcela da produção nacional, qualquer variação em seu grau produtivo influencia a direção do montante total.

Gráfico 10: Variação da Produção – Principais Produtores Estaduais



Fonte: ANP/GOP

5.4- Bacias

Grande parte das jazidas brasileiras de petróleo estão situadas em bacias sedimentares, sendo sua maioria em locais marítimos de águas profundas. Estas não se restringem apenas a uma localidade, podendo abranger dois ou mais estados. Hoje em dia a produção nacional é oriunda de doze (12) bacias, dentre as quais se destacam: Bacia de Campos - ES / RJ; Bacia de Santos - SP / RJ; Bacia Potiguar - RN; Bacia do Espírito Santo – ES/BA e Bacia do Recôncavo – BA.

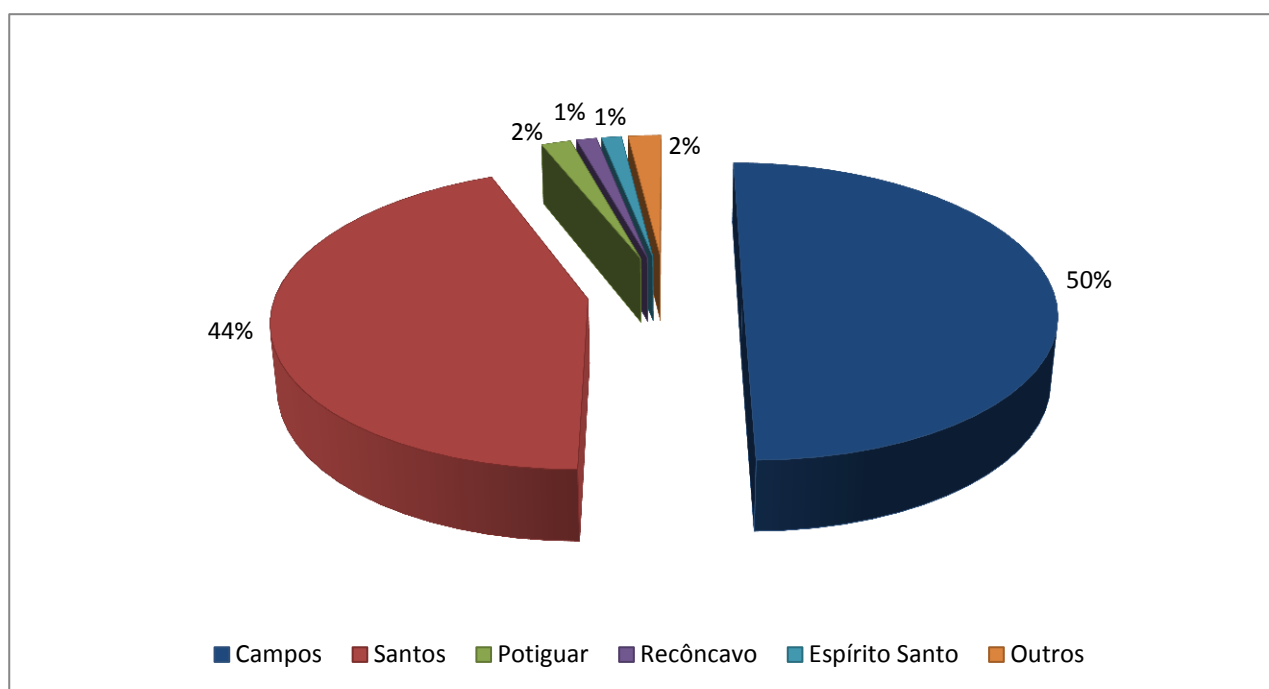
A Bacia de Campos e a Bacia de Santos somaram no mês observado cerca de 94% da produção nacional, o que comprova a extrema concentração da capacidade produtiva do país nestas, como pode ser verificada na tabela 2.

Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	PRODUÇÃO	Nº CAMPOS PRODUTORES	LOCALIZAÇÃO
Campos	1.324.739	45	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	1.165.426	11	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	47.121	79	Rio Grande do Norte
Espírito Santo	31.894	40	Bahia
Recôncavo	31.886	78	Espírito Santo/Bahia

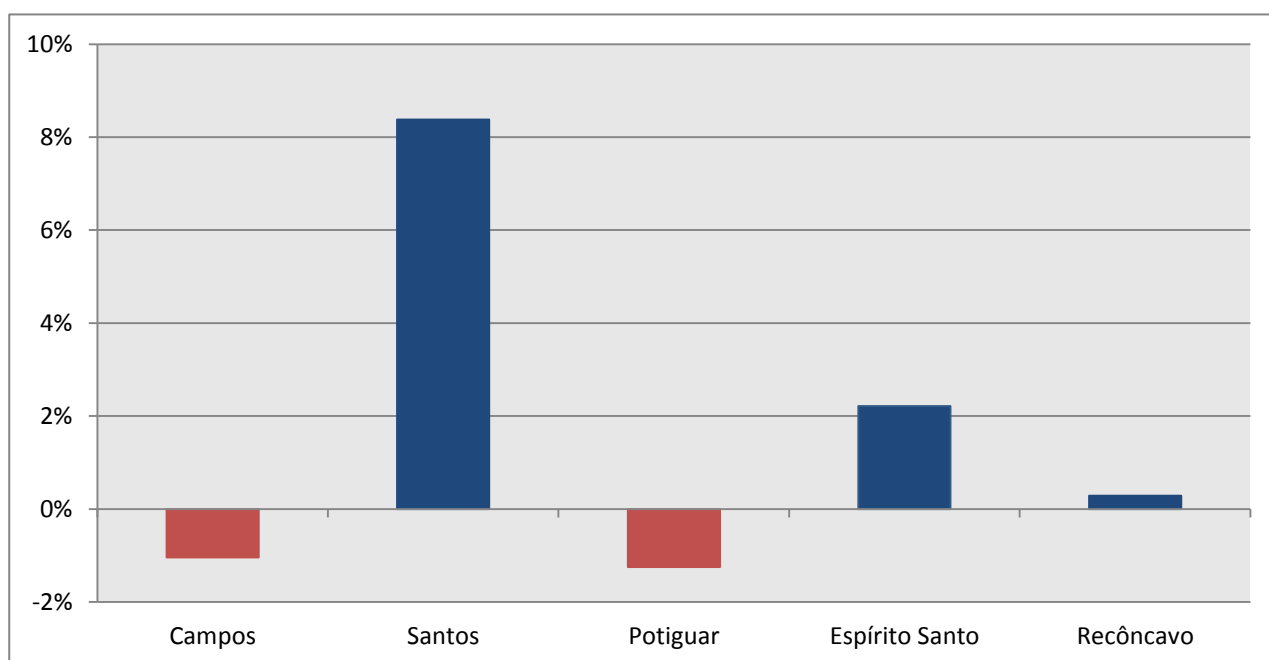
No mês em análise, como já mencionado, a ANP divulgou a produção nacional de 2.653 Mbbl/d (milhões de barris por dia) ao qual foi constatado um acréscimo frente a agosto. A ênfase no aumento da produção total do mês de setembro pode ser atribuída à bacia de Santos, que apontou uma variação positiva em torno de 8% na comparação com o mês anterior. Tais constatações podem ser vistas no gráfico 12.

Gráfico 11: Produção de Petróleo por Bacia



Fonte: ANP/GOP

Gráfico 12: Variação de produção das principais Bacias



Fonte: ANP/GOP

5.5- Campos

No que concerne aos campos pode-se destacar os cinco maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Roncador, Jubarte e Marlim Sul. Estes juntos somaram no mês de setembro cerca de 59% da produção de petróleo operada no país, e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos.

Tabela 3: Distribuição da Produção por Campo

CAMPO	PRODUÇÃO (Mil barris)	LOCALIZAÇÃO
Lula	799	Santos
Sapinhoá	264	Santos
Roncador	247	Campos
Jubarte	195	Campos
Marlim Sul	156	Campos

Fonte: ANP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, possui maior destaque dentre os citados, pois este, somente, representa no mês de setembro, aproximadamente 30% do resultado nacional. A produção de petróleo de Lula, no mês em questão apontou uma produção de 799 Mbbl/d, configurando-se em um novo recorde. Sua produção obteve um acréscimo de 16% na comparação com o mês anterior, sendo assim, o principal responsável pelo crescimento da produção do Estado do Rio de Janeiro. Tais ratificações podem ser vistas, respectivamente, nos gráficos 13 e 14.

Gráfico 13: Produção de Petróleo por Campo

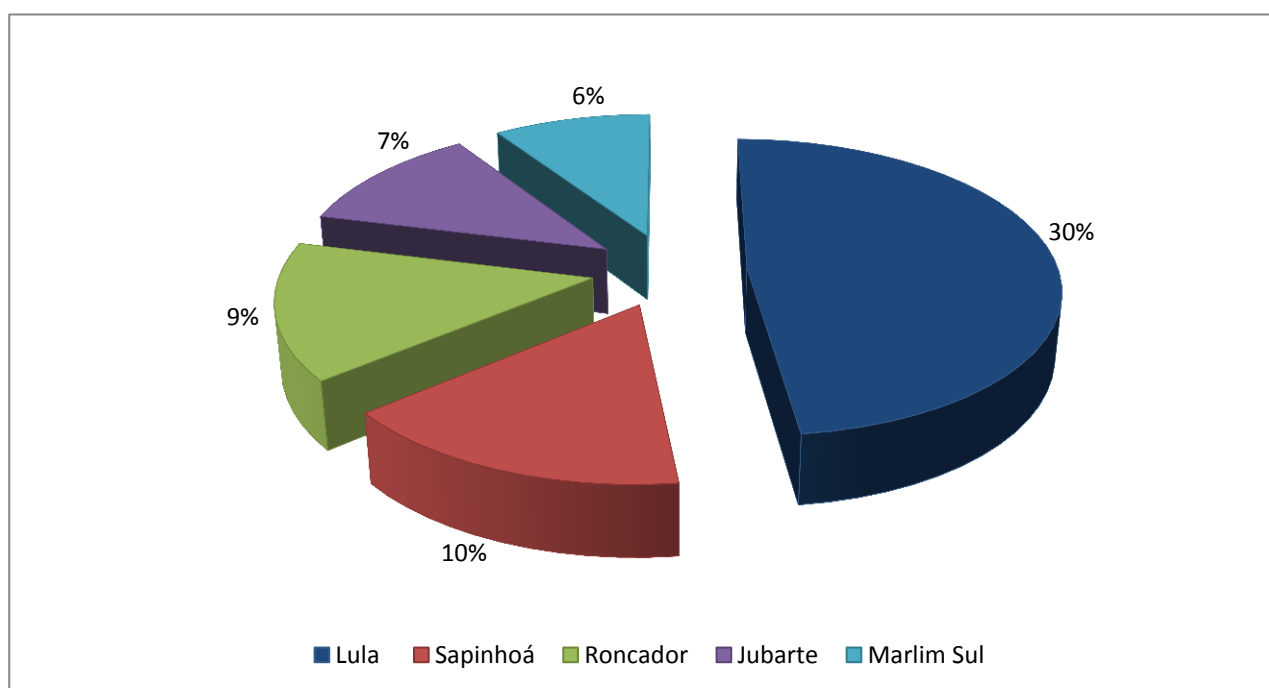
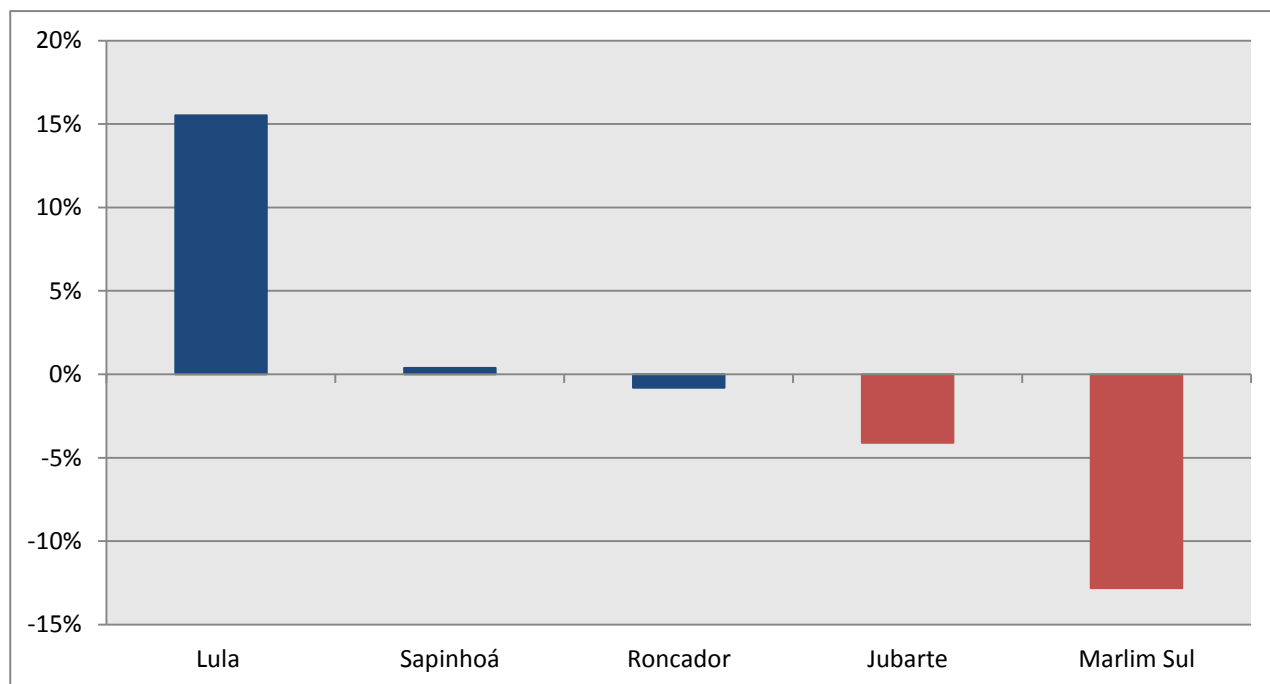


Gráfico 14: Variação de produção dos principais Campos



Fonte: ANP/GOP

Dessa forma, pode-se concluir que o avanço da produção nacional, vistos no item 5.1, deu-se pela alta da produção do Pré-Sal, oriunda do Estado do RJ. Esta ampliação foi influenciada pelo acréscimo de produção da Bacia de Santos, esta sendo, sobretudo, motivada pelos ganhos advindos do Campo Lula.